



## ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA DE DUAS ZONAS RESIDENCIAIS DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ

*Leonel Silva Rocha<sup>1</sup>, Aline Culchesk<sup>2</sup>, Anne Caroline Olivo<sup>3</sup>, João Karlos Locastro<sup>4</sup>, Bruno Luiz Domingos De Angelis<sup>5</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo estuda o modo que os habitantes de duas zonas residenciais do município de Maringá estruturam e identificam sua região. Como metodologia utilizou-se das idéias de Lynch e Cullen. Pois as idéias de Kevin Lynch forneceram importantes contribuições para a área do planejamento urbano por meio de pesquisa empírica sobre a forma como os indivíduos percebem e navegam na paisagem urbana. Também utilizou-se do conceito de Gordon Cullen, da visão serial, que define a paisagem urbana como uma sequência de espaços seriados e relacionados. Sua aproximação estética ao projeto urbano se baseava em esquemas, croquis e desenhos, com alta qualidade pictórica, quase como os quadros de artistas impressionistas, nos quais os aspectos visuais da paisagem eram extremamente valorizados. Para registro da percepção de uma parcela dos habitantes das regiões estudadas, utilizou-se de questionários, que posteriormente os mesmos foram traduzidos em gráficos, auxiliando na compreensão dos resultados. Como resultados, a pesquisa se mostrou eficiente na compreensão dos aspectos das cidades na visão destes dois pensadores do contexto urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bairros; Paisagem Urbana; Percurso Transeunte

### 1 INTRODUÇÃO

A paisagem urbana atribui sensações diversas aos transeuntes, por englobar diversos elementos além daqueles de estado físico, a percepção, a utilização e a identificação das pessoas dos espaços onde elas desenvolvem suas atividades e se inter-relacionam, também são de grande importância. De acordo com Cullen (2006) “se a cidade apresentar-se monótona, incarácterística ou amorfa, ela não cumpre sua missão. É um fracasso. É como empilhar lenha para uma fogueira e esquecer de lhe deitar fogo”.

Por outro lado, conquistar a perfeição em todos os aspectos é realmente difícil, de acordo com Lynch (1999), “a cidade não é de modo algum perfeita, mesmo no sentido restrito da imaginabilidade, nem todo o seu sucesso visual se deve apenas a essa qualidade”.

Desta forma, objetiva-se analisar a paisagem urbana de duas regiões (zonas) do município de Maringá, apresentando-se uma visão geral das mesmas. Também tem como objetivo a identificação do modo que os habitantes de duas zonas residenciais estruturam e identificam sua região. Para o estudo utilizou-se da pesquisa bibliográfica para o reconhecimento dos valores conceituais da paisagem e do território, posteriormente desenvolveu-se entrevistas com os moradores para a identificação territorial. Todas metodologia utilizou-se da análise perceptiva e visual proposta pelos autores Kevin Lynch e Gordon Cullen.

### 2 FORMAÇÃO DA PAISAGEM URBANA

A estruturação de um ambiente urbano envolve uma visão particular, sendo difícil incorporar todas as variáveis possíveis e determinar um modelo. Nesse sentido será apresentada a visão de dois autores, Kevin Lynch e Gordon Cullen, sobre este contexto.

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana – PEU, da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – PR. Bolsista Capes/CNPq. leonel@outlook.com.br

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana – PEU, da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – PR. aculchesk@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia – PGE, da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – PR. Bolsista Capes/CNPq. acolivo@gmail.com

<sup>4</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana – PEU, da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – PR. Bolsista Capes/CNPq. jklocastro@gmail.com

<sup>5</sup> Professor Doutor no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana – PEU e no Programa de Pós-Graduação em Geografia - PGE, da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – PR. brucagen@uol.com.br



## 2.1 KEVIN LYNCH

A imagem mental concentra-se na clareza e facilidade com que as partes de uma cidade podem ser reconhecidas e organizadas de forma coerente através dos habitantes. Para Lynch (1997) uma cidade poderia ser considerada coerente quando seus bairros, marcos e vias pudessem ser facilmente abstraídos em um modelo mental. De forma que um cenário urbano intenso e integrado fosse capaz de produzir uma imagem definida, desempenhando um papel social, oferecendo-se como um material objetivo na construção de símbolos e representações coletivas da comunicação de um grupo.

Segundo Lynch (1999) no processo de orientação, o elo estratégico é a imagem ambiental, o quadro mental generalizado do mundo físico exterior de que cada indivíduo é portador. Essa imagem é produto tanto da sensação imediata quanto da lembrança de experiências passadas, e seu uso se presta a interpretar as informações e orientar ações.

A percepção do meio é feita a partir da interpretação dos habitantes, de acordo com o que se locomovem, ou como se sentem quando transitam pelas ruas. Ou seja, “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significado” (LYNCH, 1999) e ela é produto tanto de sensações imediatas quanto de lembranças passadas, sendo de enorme importância prática e emocional para o indivíduo.

O autor elenca cinco elementos que definem a “imageabilidade” de um lugar, ou seja, elementos percebidos pelos usuários, que estabelecem diretrizes da organização do espaço e, desta forma as imagens retidas em suas memórias fornecem o senso de orientação e facilidade de apropriação do ambiente.

Os cinco elementos que compõem uma cidade de acordo com Lynch (1999) são:

- As vias, canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, podendo ser ruas, alamedas, linhas de trânsito, etc;
- Os limites, fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares, exemplos: praias, margens de rios, lagos rodovias, muros e paredes;
- Os bairros, regiões medias ou grandes de uma cidade de extensão bidimensional, podendo ser reconhecidos pelas características físicas como textura, forma, tipo de construção, usos, atividades, topografia e etc. Os nomes dos bairros também são responsáveis por conferir-lhes identidade;
- Os nós, lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar, são focos intensivos para os quais ou a partir dos quais se locomove, podem ser basicamente junções, cruzamentos ou convergências de vias;
- Marcos, em geral é um objeto físico de maneira muito simples: edifícios, monumentos, etc.

O autor destaca que o tempo, é essencial no processo de formação da imagem, pois a percepção destes elementos se dá aos poucos, sendo impossível compreendê-los de uma só vez. Não obstante a sobreposição e interpretação dos elementos percebidos ao longo do percurso podem valorizar determinadas características da paisagem ou torná-las imperceptíveis.

## 2.2 GORDON CULLEN

As primeiras publicações de Cullen em 1961 assim como os trabalhos executados por ele tiveram grande repercussão no meio urbanístico. Pesquisando correntes de outros pesquisadores tradicionais na época, tais como Camillo Sitte, Barry Parker e Raymond Unwin, Cullen criou o conceito da visão serial ao qual define a paisagem urbana sequencial procedida de espaços seriados e relacionados.

A preocupação estética de Cullen estava embasa em formas de croquis, desenhos e Sketches (esboços) com grande qualidade pictorial nos possibilitando certas comparações aos quadros de artistas impressionistas ao qual a qualidade na representação das paisagens eram necessidades indiscutíveis. Em 1982, Cullen foi contratado para desenvolver um plano para a área Ilhas dos Cães nas Docas Londrinas.

A Ilha dos Cães é uma península formada pelos meandros do Tâmsa, aonde se concentra a maior parte da Zona de Empreendimento. No apogeu do porto de Londres, a ilha era o coração das docas, pois concentrava as Companhias das Índias Ocidentais e Orientais. Após análise visual da região, baseou o seu projeto na existência de um grande eixo visual que cortava a linha no sentido Sudeste–Noroeste e ligava pontos importantes, tais como o parque de Greenwich, a Escola Naval e a igreja de St. Anne em Limehouse.



### 3 MATERIAL E MÉTODOS

#### 3.1 ESTUDO DE CASO

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram entrevistados, de forma pontual, moradores de duas zonas residenciais da cidade de Maringá-PR. A primeira região estuda foi a zona 25 (compreendendo os seguintes bairros: Santa Felicidade, Conjunto João de Barro I, Condomínio Mont Hermon, Jardim São Paulo, Residencial Tarumã, Parque Tarumã, Jardim Ipanema, Conjunto Cidade Alta, Jardim Paraíso e Chácara Aeroporto). A segunda região foi a zona 7 (compreendendo os bairros: Jardim Ipiranga, Jardim Universitário, Jardim Acema e Jardim Castor). Na Figura 1, é possível verificar o zoneamento do Município de Maringá, Paraná. As regiões estudadas, encontram-se destacadas na mapa.

Utilizando de conceitos de Gordon Cullen e Kevin Lynch, foram abordados dois estudos de casos referentes a duas zonas maringaenses: Zona 7 e Zona 25. As informações, pertinentes, obtidas através de questionário de prospecção aplicado aos moradores, foram organizadas em forma de gráficos e comparadas com as ideias de Kevin e Cullen.



Figura 1 – Zoneamento de Maringá-PR.  
Fonte: Adaptado de Maringá, 2014

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 4.1 ZONA 7

Conforme sugere Lynch, um dos elementos que configuram a cidade são as vias. As vias que compõem a "imageabilidade" são aquelas utilizadas pelas quais são utilizadas para se locomoverem diariamente e as citadas em maior número de vezes pelos mesmos. Na Zona 7, as destacadas pelos moradores foram, em ordem decrescente: Rua José Clemente (Figura 2), Av. 19 de Dezembro e Av. Paraná.



**Figura 2 – Sentido: Bairro – Centro / Rua José Clemente – Zona 7**  
**Fonte: Google Maps**

Para os moradores entrevistados, a ideia de limites caminha ao encontro com o propósito de Lynch, ao serem questionados sobre os marcos bairro, a maioria citou a linha férrea que também funciona como limite do mesmos. Os nós foram indicados como sendo os cruzamentos. Ainda sobre os marcos, outros moradores citaram a Igreja Evangélica, localizada em uma pequena praça, justamente em um cruzamento entre as ruas mais citadas: José Clemente, Alba Guimarães e Guaíra. Na Figura 3 é possível observar a linha férrea, a igreja e o cruzamento, indicados pelos moradores.



**Figura 3 – Sentido: Centro – Bairro / Rua José Clemente – Zona 7**  
**Fonte: Adaptado de Google Maps**

As respostas dos entrevistados, possibilitam a compreensão da importância que os elementos configuram para a formação imagem mental dos moradores. Outro ponto de destaque, é o tempo de residência no Bairro, no Gráfico1, que apresenta os indicadores do bairro Zona 7, é possível observar que o tempo de moradia de 50% dos moradores entrevistados é de pelo menos 25 anos. Esta característica corrobora com a ideia de que quanto maior tempo ao a pessoa habita uma determinada região, maior é possibilidade de interação e assimilação de marcos existentes no bairro com a imagem mental construída pelo morador.



Gráfico 1: Indicadores Zona 7

Já Gordon Cullen recorre a três conceitos para estruturar a ideia de paisagem:

- Ótica: uma visão serial, sendo formada por percepções sequenciais dos espaços urbanos;
- Local: são as reações do sujeito relacionado com a sua posição no espaço ou sentido de localização;
- Conteúdo: é a construção das cidades e formas: cores, texturas, escalas e estilos.

Estes conceitos foram observados quando foi solicitado ao entrevistado que sugerisse um possível trajeto para conhecer o bairro. Cerca de 30% dos entrevistados sugeriram o seguinte: partir da Av. 19 de Dezembro até chegar na “Praça da Igreja”, seguindo pela rua José Clemente até a rua Benjamin Constant, seguindo por esta via até o Corpo de Bombeiros e finalmente seguindo pela Av. Paraná até o cruzamento com a Av. Colombo, ou seja, segundo a maioria dos entrevistado seguindo este percurso seria possível o conhecimento dos pontos importantes da Zona 7. A Figura 4 representa o percurso sugerido pelos entrevistados.



Figura 4 – Vista Aérea de Satélite  
Fonte: Adaptado de Google Maps

#### 4.2 ZONA 25

Assim como sugere Lynch, um dos cinco elementos que definem a “imageabilidade” de um lugar, as vias merecem atenção, através delas os moradores se locomovem diariamente e traçam através destas uma imagem mental. Na Figura 5 é possível observar algumas ruas e avenidas que compõem o bairro Zona 25.



Figura 5 – Vista Aérea de Satélite  
Fonte: Google Maps

Tal imagem mental torna-se mais fixa ao morador, de acordo com o tempo em que habita a região. Quanto maior o tempo morando, maior é a fixação destas vias. Com o tempo e a intensificação de seu uso para as atividades e deslocamentos diários a facilidade para a memorização torna-se evidente. No Gráfico 2 são apresentadas algumas características coletadas, por meio de questionários, do moradores.

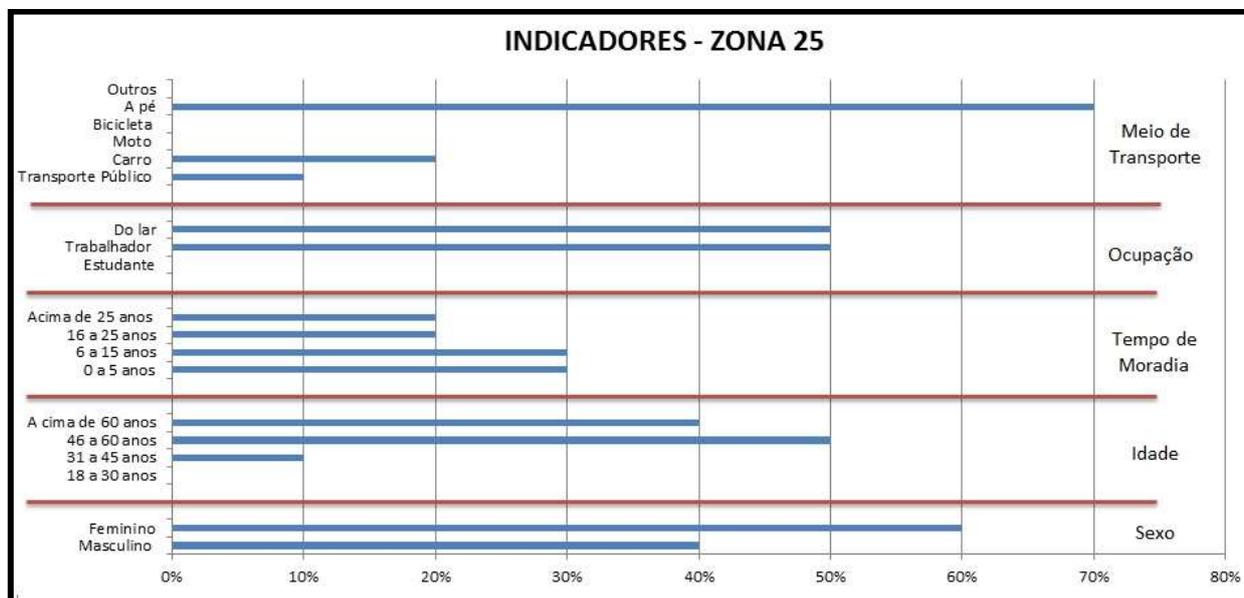


Gráfico 2: Indicadores Zona 25

Em particular na Zona 25 o questionário de prospecção apresentou dados importantes bastante importante para análise. Primeiramente, no Gráfico 2 é possível observar que o percentual de pessoas que não utilizam meios de transportes motorizados, ou seja, andam a pé. Cerca de 70% das pessoas afirmaram que para se locomoverem no bairro como ir ao mercado, farmácia, entre outros, vão caminhando.

Outra informação que precisa interessante é a que diz respeito a faixa etária. Cerca de 50% dos entrevistados possuem entre 46 e 60 anos, sendo que 40% tem a cima de 60 anos. Quanto ao tempo de moradia, 20% disseram morar na região a mais de 25 anos. Ainda de acordo com os dados levantados: 50% trabalham para terceiros e outros 50% trabalham somente em casa, destes 60% são mulheres.

Outra análise foi realizada, a de acordo com Lynch, segundo o autor, marcos, em geral são objetos físicos tais como: edifícios, monumentos, estruturas urbanas, entre outros. Entre o mais citado no caso da Zona 25 foi o



Mercado “Bom Dia”. Além disso, todos os moradores entrevistados disseram ir até o mesmo caminhando por consideram a distância pequena para se utilizarem de outro meio de transporte (Figura 6).



Figura 6 – Mercado Bom Dia.

Fonte: O AUTOR

A Figura 7 apresenta um posto de saúde local. Em que vários entrevistados citaram sendo um dos marcos do bairro. A fachada apresenta dois pilares, a diante a porta de entrada e uma sequência de outras portas. Essa sensação que a imagem transmite de uma espécie de “portais” é justamente o conceito que Cullen traz em seus trabalhos.



Figura 7 – Posto De Saúde.



**Fonte: O AUTOR**

## **5 CONCLUSÃO**

Percebe-se que a maneira que os habitantes estruturam e identificam sua região está ligado a diversos aspectos, principalmente os propostos pelos autores Lynch e Cullen.

Este trabalho possibilitou a identificação dos diversos elementos facilmente reconhecidos pelos moradores entrevistados. Estes por sua vez, podem representar algum significado para os mesmos, exemplo, como marco do ambiente.

Percebeu-se que a construção da imagem, independente do porte da cidade ou bairro, está essencialmente relacionada com a vivência dos moradores nos ambientes.

O método experimental *in loco* possibilitou a percepção visual, proposta por Lynch, permitindo a partir do sentido e da diversidade de sensações que os espaços urbanos provocam a identificação da qualidade e a vitalidade dos mesmos. Além disso, percebeu-se que, uma mesma cidade, pode apresentar regiões com características bastante diferentes, caracterizando-as pela própria identidade e personalidade.

Outro ponto de destaque é que à partir do trajeto proposto pelos moradores, pode-se observar que, conforme o mesmo era percorrido a imagem da cidade era sendo construída, e durante o percurso foi possível a percepção de sensações transmitidas aos transeunte.

Deste modo, pode-se concluir que tal pesquisa se mostrou eficiente na compreensão dos principais elementos que compõe a imagem da cidade e que os elementos propostos pelos autores são ferramentas importantes para a formação da paisagem urbana.

## **REFERÊNCIAS**

CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Col. Arquitetura e Urbanismo. Edições 70, Lisboa, Portugal, 2006.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Lisboa, Portugal: 1999.

GOOGLE MAPS. Disponível em:< <https://maps.google.com.br>>. Acesso em 04/05/2014.

MARINGÁ. Disponível em: <http://www2.maringa.pr.gov.br/site/> . Acesso em 03/05/2014.